

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
Curso de Graduação em Farmácia-Bioquímica

BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PRÁTICA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) OU ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS (AAA) PARA A POSSIBILIDADE DE SUA INCORPORAÇÃO COMO PRÁTICA INTEGRATIVA NO CUIDADO À SAÚDE DO SUS VISANDO A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DO INDIVÍDUO, FAMÍLIA E COMUNIDADE

Priscila Rodrigues Manoel

Trabalho de Conclusão do Curso de Farmácia-Bioquímica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo.

Orientador(a):

Dr(a) Maria Aparecida Nicoletti

São Paulo
2019

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	1
RESUMO.....	2
1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVO(S).....	7
3. MATERIAL E MÉTODOS	7
3.1 Estratégias de pesquisa	7
3.2 Critérios de inclusão e de exclusão	8
4. RESULTADOS	8
4.1 Influência da TAA em idosos em diferentes níveis de enfermidades.	8
4.2 TAA e AAA como estratégias adjuvantes na recuperação de crianças e adolescentes.	11
4.3 TAA e AAA na integração de equipes multidisciplinares.	14
5. DISCUSSÃO	15
5.1 TAA e sua possibilidade de incorporação como prática integrativa ao SUS	18
6. CONCLUSÃO.....	22
7. REFERÊNCIAS.....	23

LISTA DE ABREVIATURAS

AAA	Atividade Assistida por Animais
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ONG	Organização Não Governamental
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAB	Piso de Atenção Básica
PICS	Práticas Integrativas e Complementares
PNPICS	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PRONAS/PDC	Programa Nacional de Apoio à Atenção de Saúde da Pessoa com Deficiência
SUS	Sistema Único de Saúde
TAA	Terapia Assistida por Animais
TEA	Transtorno do Espectro do Autismo
UVV	Universidade Vila Velho
SciELO	<i>Scientific Electronic Library</i>
Pubmed	<i>US National Library of Medicine – National Institutes of Health</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
AVAPE	Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência

RESUMO

MANEOL, R. P. **Benefícios decorrentes da prática da Terapia Assistida por Animais (TAA) ou Atividade Assistida por Animais (AA) para a possibilidade de sua incorporação como prática integrativa no cuidado à saúde do SUS visando a melhoria da qualidade de vida do indivíduo, família e comunidade.** 2019. 28. f. Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia-Bioquímica – Faculdade de Ciências Farmacêuticas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Animais, Atividade Assistida por Animais, benefícios, Práticas Integrativas Complementares e Sistema Único de Saúde.

INTRODUÇÃO: A Terapia Assistida por Animais é um recurso terapêutico em que se utiliza a relação humano-animal com intuito de promover a saúde física, social, emocional e funções cognitivas das pessoas. Estudos apontam que a interação com animais treinados em ambientes hospitalares e clínicas de reabilitação e, podem promover diversos benefícios. Revela-se como uma eficiente estratégia no processo de humanização, através da transformação de um ambiente costumeiramente estressante. Contudo, apesar dos benefícios, o emprego da TAA ainda é muito escasso em nosso País em relação ao acesso e emprego.

OBJETIVO: Avaliar os resultados obtidos a partir da influência da Terapia Assistida por Animais, divulgar os resultados bem-sucedidos em diferentes enfermidades e públicos atendidos e evidenciar as experiências para que possam ser introduzidas nas Políticas Públicas de Saúde, como uma das práticas integrativas e complementares disponibilizadas à população. **MATERIAL E**

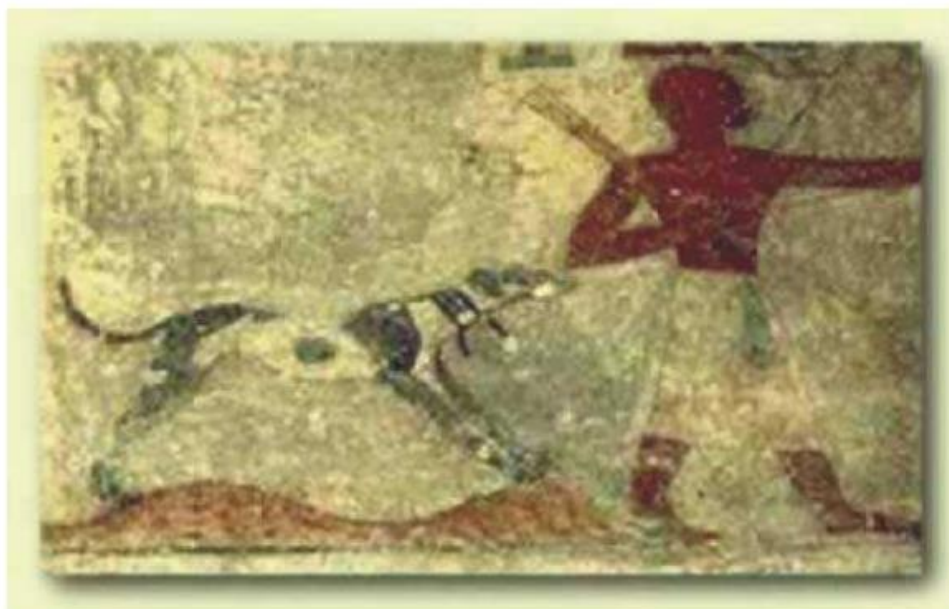
MÉTODOS: Este trabalho consiste em revisão de literatura do tipo narrativa sobre Terapia Assistida por Animais em bases científicas de dados como: *Scientific Electronic Library* (SciELO), *US National Library of Medicine – National Institutes of Health* (Pubmed), *Scifinder* (MedLine), *sites* institucionais nacionais e internacionais de interesse. Os estudos foram selecionados por meio da leitura dos títulos e dos resumos e, com base naqueles relacionados ao tema do trabalho. Como critérios de inclusão foram considerados artigos redigidos em idiomas inglês e português publicados a partir do ano 2000. **RESULTADOS:** Foi possível verificar que a Terapia Assistida por Animais (TAA) e/ou Atividade Assistida por Animais (AAA) são utilizadas como uma intervenção em diferentes níveis de cuidados e de pessoas, tanto na prevenção como na cura. Dentre os principais benefícios, pode ser observado diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, melhora do humor do paciente e da própria equipe médica, favorecendo a humanização no ambiente hospitalar, diminuição da percepção da dor, queda nos níveis de colesterol, promoção de bem-estar, melhora nas relações interpessoais, redução de depressão e demência, melhora na linguagem verbal condição motora. **CONCLUSÃO:** Ainda que a Terapia Assistida por Animais (TAA) ou Atividade Assistida por Animais (AAA) sejam pouco conhecidas no Brasil, são notáveis os numerosos benefícios promovidos em diversos tipos de tratamento e

peessoas. Contudo para que essa prática alcance e auxilie todos os pacientes, seria fundamental a inclusão desta atividade dentro das unidades vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) por meio da sua incorporação como Prática Integrativa e Complementar (PIC), pois além de contribuir na promoção, prevenção, reabilitação da saúde de forma integrada e humanizada, espera-se uma diminuição no tempo de internação, riscos de infecções e gastos públicos na saúde.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre ser humano e o animal já existe há muito tempo, em algumas crenças e culturas os animais eram vistos como sagrados, fieis e protetores (Figura 1). O uso dos animais como instrumento auxiliar na recuperação e tratamento dos pacientes teve seu primeiro registro em 1972 na Inglaterra. No Brasil, por sua vez, o psiquiatra Nise de Oliveira, em 1946 fundou o Serviço de Terapia Ocupacional que se utilizava de gatos como co-terapêutas em pacientes como distúrbio mentais no Rio de Janeiro (ALMEIDA *et al.*, 2016).

Figura 1: Desde os tempos mais antigos o homem domestica animais. Arte Rupestre



Fonte: VIEIRA, 2007.

Por outro lado, o bem-estar animal tem sido bastante pesquisado ao redor do mundo e, como consequência, tem sido produzido conhecimento capaz de fornecer subsídio para a elaboração de diretrizes para os diversos tipos de utilização de animais na terapia assistida. A Terapia Assistida por Animais (TAA) é um recurso terapêutico em que se utiliza a relação humano-animal com intuito de

promover a saúde física, social, emocional e funções cognitivas das pessoas (COSTA *et al.*, 2018).

Estudos apontam que a interação com animais treinados em critérios pré-estabelecidos de comportamento e saúde, tornando-se uma intervenção dirigida em ambientes hospitalares e clínicas de reabilitação e, podem promover diversos benefícios como: Diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, melhora do humor do paciente e da própria equipe médica, diminuição da percepção da dor, queda nos níveis de colesterol, melhora na condição motora. (VIEIRA *et al.*, 2016)

Além disso, em hospitais, a terapia com animais revela-se como uma eficiente estratégia no processo de humanização, uma vez que atividades realizadas com animais dinamizaram o relacionamento interpessoal entre equipes médicas profissionais e pacientes internados, estabelecendo uma relação de confiança entre ambas as partes e, dessa forma, promover a transformação de um ambiente costumeiramente estressante (BATISTA *et al.*, 2014).

Estudo desenvolvido envolvendo um programa com o uso de cães realizado em hospital com pacientes submetidos à artroplastia total avaliou o efeito positivo no nível de dor desses pacientes e satisfação com a permanência hospitalar que, após a terapia assistida por animais, verificou melhoria da recuperação pós-operatória imediata para um grupo de voluntários (HARPER *et al.*, 2018).

Em outro cenário da utilização da TAA como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) que é caracterizado por comprometimento da interação social, comunicação e comportamento, diversos estudos apresentaram resultados que evidenciaram o sucesso na inserção de um cão em Terapia Assistida por Animais, para indivíduos com transtorno autista abrindo uma janela de oportunidades (MUÑOZ, 2014). Isto reforça a importância de se intervir nesta população com condutas que fomentem a interação social e a comunicação (SANTOS *et al.*, 2017).

Em relação à população idosa residente em instituição de longa permanência foi avaliado a influência da TAA na melhoria das funções cognitivas dos participantes e concluíram que essa terapia foi benéfica resultando em melhorias no desempenho cognitivo dos idosos (FRANCESCHINI, 2017).

Certamente, uma das limitações ao emprego das Terapias Assistidas por Animais ou Atividades Assistidas por Animais (AAA) é o fator custo. Os animais quem têm mais se destacado nesta técnica são os cães, os gatos, os cavalos e os golfinhos, sendo, respectivamente, chamados de cinoterapia, ronronterapia, equoterapia e delfinoterapia. Embora alguns animais sejam de custo baixo, a grande maioria é de custo elevado o que dificulta a terapia para todos os grupos sociais. O grande exemplo é o cão que qualquer pessoa pode possuir e muitos lugares são obtidos para evitar a solidão, mas quando há a necessidade da utilização para tarefas complexas, há todo treinamento, raças mais específicas e alimentação, gerando um valor elevado. Outro exemplo de custo elevado é a terapia com golfinhos, que ainda não é disponibilizada no Brasil. Embora o elevado custo, esta relação é benéfica a ambos, eliminando a sensação de dor para o homem e sendo comprovado que o animal recebe o afeto transmitido, ademais que são tratados com qualidade devido às funções que realizam (SILVA *et al.*, 2017).

Contudo, apesar dos benefícios, o emprego da TAA ainda é muito escasso em nosso País em relação ao acesso e emprego rotineiro e, considerando os benefícios decorrentes conseguidos por meio de sua intervenção, sua intensificação deve ser fomentada e divulgada.

Por meio de revisão bibliográfica, do tipo narrativa, e outros documentos que vão ao encontro desse tema, será exposto o uso da Terapia Assistida por Animais ou Atividade Assistida por Animais como tratamento adjuvante em pacientes em diferentes condições de saúde e o impacto decorrente de sua utilização para a melhoria de qualidade de vida. Tendo em vista que supera os custos envolvidos a TAA ou AAA deveria ser oferecida para a população em centros especializados disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde como parte das Práticas Integrativas e Complementares disponibilizadas para a Atenção Básica.

2. OBJETIVO(S)

O trabalho visa, como objetivo primário avaliar os resultados obtidos a partir da influência da Terapia Assistida por Animais como instrumento importante de intervenção dirigida a ser utilizado no tratamento de enfermidades em pacientes que apresentam problemas em relação à saúde mental, hospitalizados, idosos, dentre outros, bem como na integração de equipes multidisciplinares.

Como objetivos secundários, propõe divulgar as experiências bem-sucedidas em diferentes enfermidades para que seja um recurso a ser intensificado, quer no ambiente profissional, quer no ambiente doméstico, visando o bem-estar do paciente, família e comunidade, além do respeito ao animal.

Também, divulgar a prática como parte das atividades relacionadas à Educação em Saúde, para conscientizar a população leiga e profissional que essa relação estabelecida com ética às pessoas e aos animais é possível, e traz benefícios a todos os envolvidos no processo. Evidenciar as experiências exitosas para que possam ser incorporada nas Políticas Públicas de Saúde como uma das práticas integrativas e complementares a inúmeros agravos à saúde disponibilizadas à população.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Estratégias de pesquisa

Este trabalho consiste em revisão de literatura do tipo narrativa sobre Terapia Assistida por Animais (TAA) em diversos contextos disponíveis, por meio de busca em bases científicas de dados como: *Scientific Electronic Library* (SciELO), *US National Library of Medicine – National Institutes of Health* (Pubmed), Scifinder (Medline), sites institucionais nacionais e internacionais de interesse e outros documentos que contribuíram para os objetivos propostos.

Para a consulta de artigos, as buscas foram realizadas utilizando-se as seguintes palavras-chaves, isoladamente ou combinadas entre si: “animal assisted therapy”, “benefits of animal therapy assisted”, “benefícios da Terapia Assistida por Animais”, “autismo and AAT”, “Physical rehabilitation”, “Práticas integrativas do SUS”.

3.2 Critérios de inclusão e de exclusão

Os artigos foram inicialmente selecionados por meio da leitura dos títulos e dos resumos e, com base naqueles relacionados ao tema do trabalho, tiveram a leitura do texto na íntegra. Como critérios de inclusão foram considerados artigos redigidos em idiomas inglês e português publicados a partir do ano 2000. Foram desconsiderados aqueles que não se enquadravam nestas condições.

4. RESULTADOS

A partir da revisão dos artigos, dissertações e livros, foi possível verificar que os estudos abordam a TAA sob diferentes perspectivas, uma vez que os animais são utilizados como uma intervenção em muitos níveis de cuidados e de pessoas, tanto na prevenção como na cura.

4.1 Influência da TAA em idosos em diferentes níveis de enfermidades.

Em 2010 foi desenvolvido pela Universidade Vila Velho (UVV) um estudo clínico experimental em uma casa de repouso para avaliar a influência da TAA sobre a pressão arterial de idosos hipertensos submetidos a tratamento medicamentoso para controle de pressão arterial. Foram objeto do estudo 25 idosos de ambos os sexos e com idade acima de 70 anos, estes foram divididos de forma randomizada em 2 grupos: participantes da TAA (n =14) e não participantes (n =11). As sessões de TAA foram realizadas semanalmente com

duração de 1 hora por 4 meses e se caracterizaram por caminhadas lentas, conversas e troca de carícias com os animais. Para avaliar a eficiência da TAA no controle pressórico dos idosos, foram aferidas a pressão arterial e sistólicas e pode se observar uma redução significativa. Pode-se, portanto, comprovar os benefícios da terapia continuada com os animais neste grupo populacional. Outros benefícios, ainda que subjetivos, também foram observados, como: a transformação da dor, sensação de incapacidade, solidão, tristeza em alegria, prazer e confiança (VIEIRA *et al.*, 2009).

Na Fisioterapia, a TAA aumenta a motivação dos pacientes durante as sessões, sendo o cão o agente estimulador e mediador das ações propostas durante o tratamento (VACCARI, 2007).

Um ensaio clínico não controlado, conduzido por CECHETTI (2016) e seus colaboradores afim de avaliar a condição motora dos idosos, foi realizado no Lar São Francisco de Assis, uma instituição pública que abriga idosos, para indivíduos aparentemente saudáveis e que apresentava sinais de envelhecimento. O tratamento consistiu de 10 sessões de TAA com cães de diferentes raças em quatro semanas, distribuídas de forma a haver uma diminuição gradual da frequência, a fim de ocorrer um desapego lento em relação ao animal por parte do idoso. Os seguintes testes foram realizados antes e após a intervenção: Escala de Equilíbrio de Berg, que avalia o desempenho do equilíbrio funcional, teste de Equilíbrio de Tinetti, que classifica aspectos de marcha, teste de Alcance Funcional, utilizado para identificar controle postural e teste de Caminhada de Seis Metros, que avalia o desempenho na capacidade de marcha. Após a análise dos resultados, pode-se observar que a maioria dos indivíduos apresentou melhora no equilíbrio, melhora na velocidade, distância do passo e simetria da marcha após o tratamento.

MENNA e colaboradores (2012) realizaram um trabalho no período de 2009 a 2010 em um hospital na Itália com o objetivo de avaliar a atividade psicossocial de um grupo de pacientes idosos submetidos a Terapia Assistida por Animais. Participaram do estudo 20 pacientes com idades entre 69 e 89 anos, destes, 70% diagnosticados com demência e os demais com outras doenças como depressão e problemas cognitivos. Os animais utilizados na intervenção eram cães que foram

especificamente treinados como co-terapeutas e submetidos a controles veterinários regulares. As atividades foram realizadas em ambientes fechados ou ar livre e acompanhada por um veterinário, treinado em aconselhamento e o médico especializado em sintomas psicológicos. Para a avaliação foram aplicados questionários de avaliação psiquiátrica e cognitiva. Após seis meses repetiram a aplicação do instrumento. Resultados evidenciaram redução de depressão no grupo de pacientes idosos com deficiências neurológicas, indicando sobre a possibilidade de recorrer a uma terapia alternativa utilizando animais, além da necessidade de explorar os benefícios da TAA nas áreas de autonomia pessoal e função psicológica em grupos de idosos hospitalizados, particularmente aqueles com problemas de depressão, deficiências motoras e dificuldades na linguagem verbal.

Na Suécia, em uma enfermaria de reabilitação para idosos, em um hospital especializado em reabilitação após acidente vascular cerebral, FALK e WIJK (2008) realizaram um estudo exploratório com objetivo de descrever a interação entre aves em gaiola e pessoas idosas. Os 49 pacientes internados na enfermaria no período de setembro a novembro de 2002 foram considerados elegíveis para participar do estudo. As observações foram analisadas por meio de método comparativo conforme a teoria de Grounded Theory (Denzin & Lincoln, 2005). Após os pacientes notarem a presença da gaiola em um corredor central da enfermaria eles passaram a sair de seus quartos e circular em torno das gaiolas, contribuindo com a socialização entre eles. Além disso, os pacientes manifestaram desejo de cuidar das aves, por meio de tentativas de alimentá-las com pequenos pedaços de maçã. Também fizeram afirmações positivas sobre os pássaros, o que contribuiu com o surgimento de sensações de bem-estar e felicidade. Os pássaros, por sua vez, passaram a servir como fonte de conversa, o que estimulou o desenvolvimento social e verbal entre os idosos. Desta forma as autoras puderam concluir que a interação com animais e pacientes é positiva e pode prevenir a fadiga mental.

ANTONELLI e CUSINAT (2012) realizaram um trabalho em um *Day Care* de uma capital no norte da Itália para avaliar os efeitos no estado afetivo de

mulheres idosas, em relação a satisfação com a vida e a memória. Participaram do estudo dezesseis mulheres entre 64 e 97 anos de idade sem problema cognitivo grave, sendo oito do grupo controle e oito com intervenção da AAA. Para análise, foi aplicada uma escala sobre afeto, satisfação com a vida e teste de memória durante dois meses. Com o grupo intervenção houve uma reaplicação quatro meses após. O grupo que teve a AAA mostrou um aumento das emoções positivas e diminuição das emoções negativas; para este grupo não houve diferenciação nos testes de memória, porém, para o grupo controle o teste de memória diminuiu após quatro meses. Os autores, puderam então concluir, que a AAA melhora o bem-estar subjetivo e, em parte, a função da memória nas mulheres idosas.

4.2TAA e AAA como estratégias adjuvantes na recuperação de crianças e adolescentes.

Com o objetivo de compreender a experiência de crianças hospitalizadas em relação a visita de animais no hospital, VACCARI e ALMEIDA (2007) realizaram uma pesquisa exploratória descritiva em um hospital pediátrico da rede privada com 13 crianças de idades entre 3 e 6 anos. Para a coleta de dados, foram consideradas as reações, comportamentos e atitudes das crianças durante a visita do animal e por meio de registros em um diário e, foi constatado que todas as crianças passaram interagir mais com os profissionais da saúde após a visita do animal, mostraram-se mais colaborativas nos procedimentos e menos tímidas, expressando-se mais facilmente, participando mais intensamente das atividades na unidade, além de reduzirem as queixas de dor e desconforto. O contato com as demais crianças hospitalizadas também foi maior após as visitas dos animais e em relação aos exercícios realizados com os fisioterapeutas, mostraram-se mais receptivas e interessadas.

Em relação a crianças com Deficiência Intelectual, em 2010, foi realizado um estudo descritivo exploratório clínico-educacional pela Universidade Metodista de São Paulo com 12 pacientes com idade entre 6 e 16 anos, diagnosticados com

Deficiência Intelectual, e seus respectivos pais e/ou responsáveis. A pesquisa foi realizada na Unidade Clínica AVAPE – Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência, organização filantrópica de assistência social, que atua no atendimento e na defesa de direitos, promovendo a inclusão, a reabilitação e a capacitação de pessoas com todo tipo de deficiência. A pesquisa registrou um atendimento multidisciplinar integrado por médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos. Foi observado no decorrer dos atendimentos um significativo crescimento no contato dos pacientes com os demais membros do grupo (terapeuta, colegas de grupos, adestrador e o próprio cão), ademais, os pacientes demonstraram-se mais disponíveis, sorrindo, participando mais da dinâmica do grupo e respeitando, inclusive, sua vez de atuação (VIVALDINE *et al.*, 2011).

OS autores também relataram que houve uma ampliação na demonstração de emoções positivas, notou-se melhora na comunicação verbal e na comunicação não verbal, sugerindo que o cão, além de estimular capacidades cognitivas, através de estímulos sensoriais, motores e afetivos, tem forte função lúdica no processo terapêutico. Em relação a interação com o animal, observou-se total adesão dos participantes, pois transmitiam prazer e interagiram com o animal (VIVALDINE *et al.*, 2011).

Já em 2013, FUNHASHI e seus colaboradores realizaram um estudo em crianças autistas com 10 anos de idade, onde se utilizou um aparelho de interface vestível para medir quantitativamente o sorriso de crianças, por sete meses, durante as Atividades Assistidas por Animais (AAA). Cada sessão tinha duração de 30 a 40 minutos e ao compararam os resultados com um grupo controle, crianças da mesma idade, porém saudáveis, foi possível perceber que o comportamento social da criança com autismo pode ser facilitado diminuindo seu comportamento antissocial, a partir desta atividade com animais.

Ainda sobre crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, BASS e seus colaboradores (2009) realizaram um estudo com o objetivo de examinar os efeitos da TAA sobre o funcionamento social em crianças com a hipótese de que crianças expostas a exercícios de equitação terapêutica

apresentariam melhorias no funcionamento social em comparação com participantes que não receberam o tratamento. Trinta e quatro crianças diagnosticadas com TEA participaram do estudo por 12 semanas no *Good Hope Equestrian Training*, Flórida. Uma vez que os participantes obtiveram aprovação médica de seus médicos, eles foram aleatoriamente randomizados para o grupo experimental ou de controle. Vale ressaltar, que quase todos os participantes já haviam se submetido a terapias convencionais. Para avaliar o funcionamento social pré e pós-equitação terapêutica, foi aplicado aos pais um questionário que mede a gravidade dos sintomas do transtorno do espectro do autismo, Escala de Responsividade Social e Perfil Sensorial.

Os resultados deste estudo sugerem que a equoterapia pode ser uma opção terapêutica eficaz para crianças com distúrbios do espectro do autismo. Mais especificamente, em comparação com os participantes do grupo de controle, as crianças autistas do grupo experimental melhoraram em áreas críticas, como integração sensorial e atenção dirigida. Os participantes também demonstraram melhor motivação social e sensibilidade sensorial, bem como diminuição da desatenção e distração (BASS *et al.*, 2009).

Em 2012, REED e seus colaboradores realizaram um trabalho descritivo sobre a literatura existente referente à Terapia Assistida por Animais e a Atividade Assistida por Animais relacionada com doenças crônicas em crianças. A busca foi realizada por um mês e contemplou 18 artigos publicados desde 2001. Os resultados das evidências de cada estudo foram divididos em três áreas, a primeira, os efeitos sociais da TAA/AAA, a segunda, os efeitos físicos da TAA/AAA e a terceira a perspectiva dos profissionais de saúde.

Os efeitos sociais positivos do uso da TAA são comprovados em crianças com transtornos sociais, através dos resultados dos estudos que sugeriram que a interação regular com animais treinados propicia o aumento da capacidade de concentração, aumento da consciência social, e promoção de habilidades sociais desejáveis entre crianças que enfrentam dificuldades sociais em decorrência das condições das enfermidades. Ainda, sobre uso da TAA entre pacientes com câncer, estudos revelaram que os participantes relataram que as sessões com os

animais lhes ajudaram a aliviar a ansiedade e serviram como boa distração do ambiente hospitalar e muitas vezes preferiram a TAA à interação com visitantes humanos (REED *et al.*, 2012).

Quanto aos efeitos físicos, estudos sobre evidenciaram menor percepção de dor e níveis inferiores de dor entre os participantes que se utilizavam da TAA, quando comparados ao grupo controle. Também foi mostrada a redução do estresse em crianças com TEA que pode ser demonstrada por meio da redução no nível de Cortisol ao despertar (REED *et al.*, 2012).

Finalmente, sob a perspectiva dos profissionais da saúde e da equipe administrativa, os resultados mostram que após a incorporação de programa de AAT em hospitais, os profissionais relataram que a presença dos animais no ambiente hospitalar promoveu um clima mais amigável e humanizado (REED *et al.*, 2012).

4.3 TAA e AAA na integração de equipes multidisciplinares.

Como estratégia de humanização do ambiente hospitalar vem sendo praticado um projeto institucional, principalmente nas unidades de pediatria e geriatria, que utilizam um cão para o desenvolvimento de atividades lúdico-educativas um hospital, de ensino, universitário, em São Paulo. Neste contexto, SOUZA e colaboradores (2014) realizaram um trabalho com o objetivo de relatar a vivência no uso da Terapia Assistida por Animais dentro deste hospital, por meio de depoimentos e observações de comportamentos durante as Atividades Assistida por Animais. As atividades ocorrem semanalmente, o cachorro, juntamente com uma equipe, realiza visitas às unidades de internação e aproxima-se dos pacientes. Durante as visitas a equipe médica aproveita para desenvolvimento de atividades de educação em saúde junto aos pacientes por meio de brincadeiras. Pode ser observado que a expectativa tanto dos pacientes como dos profissionais que já participam das atividades desenvolvidas pelo projeto é muito alta, todos ficam encantados e sorridentes ao deparar-se com o cachorro pelos corredores do hospital. A interação entre o cachorro, pacientes e profissionais no ambiente hospitalar, mostraram ser eficientes medidas redutoras

de ansiedade, ajudando no relacionamento interpessoal entre as equipes profissionais e pacientes internados (SOUZA *et al.*, 2014).

ALMEIDA e colaboradores (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa em uma instituição não governamental, que atende crianças e adolescente com câncer, no município de São Paulo, com o intuito de compreender a experiência vivenciada pelos os enfermeiros em relação a implementação da Terapia Assistida por Animais. O estudo foi desenvolvido com 11 enfermeiros com idades entre 25 e 41 anos que atuam nas unidades que ocorrem visitas de animais ou presenciam a visita do animal em seu cotidiano. Os dados foram coletados por meio de entrevistas gravadas para possibilitar a transcrição literal. A partir dos relatos dos enfermeiros, os resultados demonstraram que a visita do animal ao ambiente hospitalar, proporciona um ambiente descontraído e alivia o estresse infantil, uma vez que este ambiente é percebido pela criança como assustador devido os procedimentos dolorosos. Em relação aos pais dos pacientes, os profissionais relataram que eles se sentiam felizes ao constatar a alegria dos filhos. Ainda relataram que os próprios enfermeiros se sentem beneficiados, pois a presença do animal, além de possibilitar a aproximação com as crianças internadas, também promove alívio da tensão diante das experiências vividas no cotidiano (ALMEIDA *et al.*, 2016).

5. DISCUSSÃO

A interação homem–animal desde o começo dos tempos sempre nos trouxe benefícios. É um instrumento terapêutico global, que atua em dimensões biopsicossociais e afetivas, podendo trazer um novo ânimo para a vida de muitas pessoas. Sendo assim, um dos aspectos mais importantes nesse tipo de tratamento é que se conscientizam crianças, jovens e idosos de suas capacidades e não de suas incapacidades, estimulando-se durante a terapia, tanto as questões psíquicas, quanto motoras, a partir de uma visão integral dos sujeitos atendidos (SILVA *et al.*, 2018).

Em relação os diversos benefícios da TAA em idosos, é possível observar na literatura o estímulo à interação social, uma vez que o processo de envelhecimento na vida do idoso inclui dificuldade em interagir com outras pessoas e com a ajuda dos cães, fica mais fácil conquistar confiança e formar vínculos. Outro benefício é a motivação, pois as atividades lúdicas com o cão estimulam o interesse no contato interpessoal, auxiliando no tratamento. Inclui-se também a melhora da capacidade motora, cognitiva e sensorial, sendo de grande ajuda na fisioterapia, pois os animais fazem a ponte entre o idoso e o terapeuta, que assim pode atuar com mais eficiência e rapidez (DOTTI, 2005).

Sabe-se que o processo de envelhecimento compromete o equilíbrio corporal, por afetar o sistema nervoso central e com isso os idosos apresentam dificuldade de locomoção e aumento no risco de quedas, que podem resultar em fraturas, deixando idosos acamados por dias ou meses (FIGLIOLINO *et al.*, 2009). Das mortes acidentais em pessoas com mais de 75 anos, cerca de 70% são causadas por quedas (BITTAR *et al.*, 2002). Neste contexto a TAA utilizada na Fisioterapia, apresenta grande vantagem, pois a presença dos cães melhora a adesão ao tratamento, aperfeiçoa as habilidades motoras finas, melhora interação com a equipe de saúde, motiva os idosos para o envolvimento em atividades de grupo. Os animais, por sua vez, tornam-se importantes na comunicação entre terapeutas e pacientes (FILA, 1991).

Em relação as crianças hospitalizadas, os resultados evidenciam que a visita dos animais melhorou a interação da criança com a equipe médica e demais crianças. Além disso, a companhia do animal favorece o desenvolvimento de sentimentos positivos, através de momentos felizes às crianças que se esquecem dos traumas da hospitalização (ALMEIDA *et al.*, 2016).

Johson (1983) relatou uma experiência com uma criança portadora de distúrbios cerebrais graves, que não se comunicava verbalmente e que, após a visita de um cão apresentou melhora na habilidade de se comunicar. Durante essa experiência ela tinha a oportunidade de ser apoiada por outro ser vivo, revertendo seu papel de apoiada, possibilitando à ela perceber-se como uma pessoa útil e benéfica (JOHNSON, 1983).

Já as crianças com diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, por apresentarem limitações relacionadas à percepção estímulos sensoriais associados tais como estímulos linguísticos relacionados a estímulos visuais (Bebko, Weiss, Demark & Gomez, 2006), sentem-se mais confortáveis ao interagir com animais, uma vez que eles se comunicam principalmente por meio da linguagem corporal, enquanto que a interação com humanos exija uma compreensão mais complexos.

Martin e Farnun (2013) explicam que o animal é o meio facilitador para o acesso da criança com TEA ao seu ambiente social. O animal age como um objeto transicional, auxiliando a criança a estabelecer vínculo com ele para depois estender esse vínculo para os humanos.

Como se pode verificar, os resultados evidenciam que os animais auxiliam nas técnicas de atendimento, independentemente da patologia ou modalidade terapêutica, uma vez que a presença e as habilidades dos animais não oferecem ameaça alguma a criança, mas sim afeição incondicional. Estudos indicam que a TAA, oferece sensações confortáveis quando permeiam sentimentos de abandono, solidão e infelicidade (SERPELL, 1999). Os animais podem estabelecer ponte e alcançar o paciente de forma mais rapidamente. Nesse sentido, o ato de afagar um animal, já atribui à sensação de conforto e bem-estar. Os animais, além de servirem de apoio emocional também contribuem com o comportamento social, melhorando as condições de comunicação (MARTIN & FARNUM, 2002).

Por fim, quanto o uso da TAA e AAA em ambientes hospitalares como uma estratégia de humanização, os resultados de estudos evidenciaram que tais práticas contribuem positivamente para uma comunicação eficaz entre paciente e profissional da saúde no processo de negociação diária. Além disso é notável uma mudança significativa no clima do ambiente, costumeiramente hostil, devido o alívio de tensões e estresse, o que torna o ambiente mais divertido e descontraído.

5.1 TAA e sua possibilidade de incorporação como prática integrativa ao SUS

As Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS) referem-se a sistemas e recursos que buscam estimular os mecanismos de prevenção de agravos, e da promoção e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com foco no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Tais práticas contribuem para a ampliação das ofertas de cuidados em saúde ao estimular alternativas inovadoras e socialmente contributivas ao desenvolvimento sustentável de comunidades proporcionando maior resolução aos serviços de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

As PICS foram institucionalizadas no Sistema Único de Saúde (SUS) por intermédio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), aprovada por meio de Portaria GM/ MS Nº 971, de 3 de maio de 2006. Após 10 anos, em 2017, foram incorporadas 14 atividades, chegando a 19 e desde março de 2018, o Brasil passa a contar com 29 práticas integrativas disponíveis a população pelo SUS (VALADARES, 2018).

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) deve ser entendida como mais um passo no processo de implantação do SUS, pois ao atuar nos campos da prevenção, promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, essa política visa, sobretudo, incentivar à necessidade de se conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede pública de muitos municípios e estados, além de possibilitar acesso a serviços antes restritos a prática de cunho privado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

A PNPICS traz diretrizes gerais para a incorporação das práticas nos serviços e compete ao gestor municipal elaborar normas para inserção da PNPICS na rede municipal de saúde. Os recursos para as PICS integram o Piso da Atenção Básica (PAB) de cada município, podendo o gestor local aplicá-los de acordo com sua prioridade. Estados e municípios também podem instituir sua

própria política, considerando suas necessidades locais, sua rede e processos de trabalho (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Neste contexto, ao avaliar a possibilidade da Terapia Assistida por Animais e/ou a Atividade Assistida por Animais ser incorporada ao SUS é preciso considerar inúmeros fatores, primeiro: Sabe-se que desde 2012 tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4455/12, do deputado Giovani Cherini (PDT-RS), que regulamenta o uso de Terapia Assistida por Animais (TAA) nos hospitais públicos e em outros cadastrados no Sistema Único de Saúde (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012).

A proposta considera que a Terapia Assistida por Animais pode ser um poderoso recurso que contribua na diminuição do tempo de internação das pessoas, possibilitando menores custos para o SUS, redução dos riscos de infecções por prolongada permanência no ambiente hospitalar, além de condições mais favoráveis para os pacientes. Portanto, para viabilizar o tratamento, os hospitais do SUS deverão ter profissionais aptos a trabalhar com TAA e o governo poderá realizar parcerias com hospitais veterinários e com organizações não governamentais que trabalham com animais (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012).

Segundo: Em cidades como São Paulo (Lei 16.827/2018), Rio de Janeiro (Lei 6.492/2019), Fortaleza (Lei 10.796/2018) e Petrópolis (Lei 7.758/2019), já foram sancionadas leis que dispõem sobre a liberação de entrada de animais de estimação em hospitais públicos para visitas a pacientes internados. De acordo com as normas publicadas, os animais de estimação deverão estar com a vacinação em dia e higienizados, devendo o responsável comprovar, por meio de laudo veterinário, a boa condição de saúde do animal. Além disso, a entrada do animal dependerá de autorização da comissão de infectologia do hospital e o transporte dos animais deverá ocorrer por meio de caixas adequadas. Por fim, caberão aos hospitais criarem normas e procedimentos próprios para organizar o tempo e o local de permanência dos animais para visita dos pacientes internados (Diário Oficial Cidade de São Paulo, 2018).

Já na esfera federal, em 5 de dezembro de 2018, através da Portaria Nº 1,319 de 4 de dezembro de 2018, o Secretário Executivo do Ministério da Saúde, dentre outros, deferiu dois projetos no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Atenção de Saúde da Pessoa com Deficiência (PRONAS/PCD), que se utilizam da Terapia Assistida por Animais como recurso na reabilitação de pessoas com deficiências (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

O projeto “Reabilitar – Equoterapia”, realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Além Paraíba –MG, visa ampliar o impacto de serviços médicos assistenciais para pessoas com deficiências múltiplas em situações de vulnerabilidade, atendidas na APAE de Além Paraíba – MG ao ampliar o número de atendimentos de reabilitação/habilitação por meio da terapia assistida por animais.

Por sua vez, o projeto “Os animais como co-terapeutas e facilitadores do processo reabilitação/habilitação da pessoa com deficiência” realizado na APAE de Pinhalzinho-SC, também espera ampliar o número de alunos atendidos pela equipe multiprofissional na Terapia Assistida por Animais (TAA) a fim de proporcionar a um número maior de pessoas, uma terapia diferenciada de reabilitação, visando o atendimento integral da pessoa com deficiência.

Terceiro: No Brasil, os hospitais Albert Einstein (Figura 2), Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas e Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, ambos de São Paulo já utilizam a Terapia Assistida por Animais e indicam seus bons resultados terapêuticos. Além disso há diversos projetos e Organização Não Governamentais (ONGs) de Terapia Assistida por Animais que realizam parcerias com hospitais, clínicas de reabilitação, asilos, orfanatos e escolas com o objetivo de dinamizar o tratamento de todas as pessoas que sofrem em decorrência de sua condição física e/ou psíquica (SANTOS, 2016).

Figura 2: Visita de Animais ao hospital Albert Einstein.



Fonte: SORDI, 2014.

Por fim, ao examinar os benefícios da Terapia Assistida (TAA) por Animais em diversos níveis cuidados e de pessoas, a integralidade do indivíduo que é um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), as experiências de promoção, prevenção e reabilitação de saúde já vivenciadas em âmbito privado e público, a busca pela ampliação da oferta de ações de saúde da PNPIC, evidências científicas que têm mostrado os benefícios do tratamento integrado entre medicina convencional e práticas integrativas e complementares e a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) que estimula novos recursos para o enfrentamento da doença e hospitalização do paciente, pode-se, portanto, considerar que a TAA seja ampliada ao SUS e incorporada à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares.

Contudo, a necessidade de formação profissional em PICS para o SUS; a estruturação das PICS nos serviços; o acesso e a aceitação de PICS por usuários do SUS; o baixo conhecimento de profissionais e gestores em relação à PNPIC e as dificuldades no monitoramento das informações sobre as PICS ainda são uma barreira para a efetivação da ampliação desta prática ao SUS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

6. CONCLUSÃO

Ainda que a Terapia Assistida por Animais seja pouco conhecida no Brasil, são notáveis os benefícios promovidos pela TAA. Percebe-se, pois, a importância de conscientizar a humanidade sobre a relevância de mantermos e preservarmos uma relação cuidadosa, respeitosa e adequada entre o ser humano e os animais, pois além de atuarem como co-terapeutas em diversos tipos de tratamento, por serem seres providos de afeto, promovem momentos agradáveis e de relaxamento, trazendo a sensação de bem-estar para pacientes, familiares e profissionais de saúde.

Sendo assim, para que os seus benefícios alcancem e auxiliem todos os pacientes, seria fundamento a inclusão desta atividade dentro das unidades vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) em seus diversos níveis de acesso. O que ainda, além de contribuir na promoção, prevenção, reabilitação da saúde, diminuiria o tempo de internação, possibilitando diminuição de gastos públicos na saúde e reduziria os riscos de infecções por prolongada permanência no ambiente hospitalar.

Por fim, a TAA, como prática adjuvante a ser utilizada no enfrentamento da doença e tratamento, muitas vezes invasivos, pode proporcionar uma melhoria na qualidade dos atendimentos atualmente oferecidos à população assegurando o direito de terem suas necessidades orgânicas e psicológicas reconhecidas e assistidas de forma integrada e humanizada.

7. REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, F., NASCIMENTO, A., DUARTE, A. (2016). Terapia Assistida por Animais: A experiência dos enfermeiros com o uso desta prática em um hospital oncológico. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/818>. Acesso em: 18 de agosto de 2018.
2. ALMEIDA, L; BALANDIS, A; DELL'ACQUA, M; RIGONATTI L, SILVA, N. (2017). Crianças e jovens em tratamento de equoterapia e a participação terapêutica da família: revisão de literatura. Simpósio de Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/saisca/article/view/207>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.
3. ANTONELLI, E., CUSINATO, E. (2012). Attività assistite da animali: effetti sul benessere soggettivo di anziane frequentanti un centro diurno. Giornale di Gerontologia, 60:215-223. Disponível em < <http://www.jgerontology-geriatrics.com/wp-content/uploads/2016/02/05Antonelli1.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2019.
4. BAROL, J.M. (2006). The effect of animal-assisted therapy on a child with autism. New Mexico: Highlands University.
5. BATISTA, M; PORTELA, O; CARMAGNANI, M; LUZ, F; SANTOS, E; BORG, C. (2014). Terapia Assistida por Animais: estratégia para humanização do ambiente hospitalar. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/terapia-assistida-por-animais-estrategia-para-humanizacao-do-ambiente-hospitalar-9589>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.

6. BASS, M. DUCHOWNY, A., LLABRE M. (2009). The effect of therapeutic horseback riding on social functioning in children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 39(9):1261-1267.

7. BITTAR, R.S.M., PEDALINE, M.E.B, BOTTINO, M.A., FORMIGONI, L.G. (2002). Síndrome do desequilíbrio no idoso. *Pró-fono*, 1(14):119-28.

8. Câmara dos Deputados. 2012. Projeto de Lei PL 4455/2012. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=556084>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

9. CECHETTI, F., PAGNUSSAT, A., MARIN, K., BERTUOL, P., TODERO, F., BALLARDIM, S. (2016). Terapia Assistida por Animais como recurso fisioterapêutico para idosos institucionalizados. *Sci Med.*, 26(3):ID23686.

10. COSTA, M., GATO, F.; RODRIGUES, M. (2018). Utilização de terapia assistida por animais como ferramenta no tratamento de doenças em humanos: Revisão. *PUBVET*, 12(1- a1):1-7.

11. COLE, K.M., GAWLINSKI, A., STEERS, N., KOTLERMAN, J. (2007). Animal assisted therapy in patients hospitalized with heart failure. *Am J Crit Care.*, 16:575-85. Disponível em: <http://ajcc.aacnjournals.org/content/16/6/575.long>

12. DOTTI, J. (2005). *Terapia e animais*. São Paulo: PC Editorial.

13. FALK, H., WIJK, H. (2008). Natural activity: an explorative study of the interplay between cage-birds and older people in a Swedish hospital setting. *Int J Older People Nurs.*, 3(1):22-8. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1748-3743.2007.00090.x>>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

14. FIGLIOLINO, J.A.M., MORAIS, T.B., BERBE, L A.M, CORSO, S.D. (2009). Análise da influência do exercício físico em idosos com relação a equilíbrio, marcha e atividade de vida diária. Rev Bras Geriatr Gerontol., 12(2):227-38. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2009.12026>

15. FRANCESCHINI, B.T. (2017). Terapia Assistida Por Animais: sua eficácia no desempenho cognitivo de idosos institucionalizados. 80 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.

16. FUNAHASHI, A., GRUEBLER, A., AOKI, T., KADONE, H., SUZUKI, K. (2013). Brief report: the smiles of a child with autism spectrum disorder during an animal-assisted activity may facilitate social positive behaviors - quantitative analysis with smile-detecting interface. J Autism Dev Disord., 27 July. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23893100>>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

17. HARPER, C.M., DONG, Y., THORNHILL, T.S., WRIGHT, J., READY, J., BRICK, G.W., DYER G. (2015). Can therapy dogs improve pain and satisfaction after total joint arthroplasty? A randomized controlled trial. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25201095> Acesso em: 28 de agosto de 2018.

18. JOHNSON J. (1983). A pet can say “you’re special” to a special child. PTA Today., 8(6):17-9.

19. MALCOLM, R., ECKS, S., PICKERSGILL, M. (2017). It just opens up their world’: autism, empathy, and the therapeutic effects of equine interactions. Anthropology & medicine. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13648470.2017.1291115> Acesso em: 28 de agosto de 2018.

- 20.**MENNA, L.F., FONTANELLA, M., ANTANIELLO, A., AMMENDOLA, E., TRAVAGLINO, M., MUGNAI, F., DI MAGGIO, A., FIORETTI, A. (2012). Evaluation of social relationships in elderly by animal-assisted activity. *International Psychogeriatrics*, 24(06):1019-1020. Disponível em: < https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/B78CB8B4ED104B333DBEECAA9D370A38/S1041610211002742a.pdf/evaluation_of_social_relationships_in_elderly_by_animalassisted_activity.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2019.
- 21.**MINISTÉRIO DA SAÚDE. PNPIC Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em: 20 de março 2019.
- 22.**MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Implantação de Serviços de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2019.
- 23.** MINISTÉRIO DA SAÚDE – Secretaria Executiva. Portaria nº 1.319, de 4 de dezembro de 2018. Disponível em <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/53494529/do1-2018-12-05-portaria-n-1-319-de-4-de-dezembro-de-2018-53494429>. Acesso em: 5 de dezembro de 2018.
- 24.**MUÑOZ, P.O.L. (2014). Terapia assistida por animais - Interação entre cães e crianças autistas. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2014. Instituto de Psicologia. Área do Conhecimento: Psicologia Experimental. 10.11606/D.47.2014.tde-11122014-101527.

- 25.** PEREIRA, M.J.F, PEREIRA, L., FERREIRA, M.L. (2007). Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica. *Ciênc Saúde Colet.*,4(14):62-6.
- 26.** PRIETO, A., SILVA, F., SILVA, R., SANTOSA, J., FILHO, P. (2018). A equoterapia na reabilitação de indivíduos com paralisia cerebral: uma revisão sistemática de ensaios clínicos. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1067>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.
- 27.** REED, R., FERRER, L., VILLEGAS, N. (2012). Curadores naturais: uma revisão da terapia assistida por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 20(3). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n3/pt_a25v20n3.pdf Acesso em: 18 de abril de 2019.
- 28.** SANTOS, C.S., SANTOS, J.F. (2017). A dança e a terapia assistida por cavalos no transtorno do espectro autista: ensaio clínico sequencial aleatório cego. 2017. 1 CD-ROM. Monografia (Graduação em Fisioterapia) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto.
- 29.** SANTOS, A., SILVA, C. (2016). Os projetos de terapia assistida por animais no estado de São Paulo. *Revista da SBPH*, 19(1). Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100009. Acesso em: 15 de março de 2019.
- 30.** SILVA, C., ARRUDA, A., KELLERMANN, M., PERANZONI, V., COSTA, L. (2018). Centro de Equoterapia da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas em parceria com a Universidade de Cruz Alta: projetos de Equoterapia e Cinoterapia. *Cataventos*, 10(1):178-189.

31. SILVA, M., COSTA, R., FERRO, D., ROSA, G. (2017). Terapia Assistida por Animais: Cinoterapia, Equoterapia, Delfinoterapia e Ronronterapia. Anais da XI Semana do Curso de Zootecnia – XI SEZUS. Universidade Estadual de Goiás, 2017. Disponível em: <http://www.anais.ueg.br/index.php/sezus/article/view/9453/6896>. Acesso em 28/0/2018.
32. VACCARI, A.M.H., ALMEIDA, F.A. (2007). A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. Einstein, 5(2):111-6.
33. VALADARES, C. (2018). Ministério da Saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS. Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>>. Acesso em: 20 de março de 2019.
34. VIEIRA, F., SILVA, R., LEMOS, V., JUNIOR, R., NETO, I., VIEIRA, M., SANTOS, M., JORGE, D. (2016). Terapia assistida por animais e sua influência nos níveis de pressão arterial de idosos institucionalizados. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/111963>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.
35. VIVALDINE, H. V., OLIVERA, B. V. (2011). Terapia assistida por animais em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual. Bol. Acad. Paulista de Psicologia, 31(81):527-544. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/946/94622764019/>>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

Priscila B. Manoel

Data e assinatura do aluno(a)

06/04/2019 12:41

Data e assinatura do orientador(a)